



REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO, O DESAFIO DE UMA NOVA PRÁTICA

MATTIONI, Carin Lisia Geiss¹, DALL'OSTO, Lidiani Francieli Cavinato²

Resumo: O presente artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica que tem por objetivo fazer uma reflexão a respeito dos conceitos de alfabetização e letramento, suas especificidades e as diferentes implicações nas práticas pedagógicas. Para uma melhor compreensão destes conceitos procurou-se, através deste estudo, fazer-se um resgate teórico das concepções de aprendizagem, tendo por base os estudos de Piaget e Vigotsky, bem como, dos processos de construção da escrita trazidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Em relação ao letramento se tomou como base os estudos de Magda Soares, a qual traz uma distinção entre os conceitos de alfabetização e letramento, definindo como alfabetização o processo de aquisição da leitura e escrita (codificar e decodificar) e por letramento a habilidade de fazer o uso efetivo das capacidades leitura e escrita na sociedade, processos estes que considera indissociáveis, interdependentes e nos aponta também as consequências que geraram a falta de clareza e compreensão de ambos os termos. Necessita-se portanto, repensar as atuais práticas pedagógicas do ensino da leitura e da escrita, buscando uma forma de trabalho no qual o processo de alfabetização ocorra associado ao letramento, ou seja, se alfabetize letrando, eis aí o grande desafio.

Palavras- Chave: Alfabetização. Letramento. Práticas Pedagógicas.

Abstract: The present article is result of a bibliographical research that aims to reflect on the concepts of literacy, its specificities and the different implications in pedagogical practices. For a better understanding of the concepts, a study of learning conceptions was carried out, based on the studies of Piaget and Vigotsky, as well as on the writing processes brought by Emília Ferreiro and Ana Teberosky. In relation to literacy, Magda Soares' studies were taken as a basis, which distinguishes between literacy concepts, defining as literacy the process of reading and writing (coding and decoding) and a different literacy the ability to do the effective use of reading and writing skills in society, which are considered inseparable, interdependent processes and also points out the consequences that led to the lack of clarity and understanding of both uses of the term. Therefore, it is necessary to rethink the current pedagogical practices of teaching reading and writing, seeking a form of work in which the literacy process occurs in association with literacy abilities, that is, in depth literacy, that is the great challenge.

Keywords: Literacy. Literacy abilities. Pedagogical practices.

¹ Professora da E.M.F. Davi Canabarro, da Rede Municipal de Ensino de Ijuí. E-mail:carin.mattioni@gmail.com

² Professora e Coordenadora Pedagógica da E.M.F. Davi Canabarro, da Rede Municipal de Ensino de Ijuí. E-mail: lididoju@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Atualmente, vivemos num mundo onde as mudanças e transformações estão acontecendo de forma muito rápida. A tecnologia avança dia após dia, as comunicações interligam países e culturas de forma instantânea nos informando a respeito de acontecimentos, descobertas, entre tantas outras coisas mais. Neste contexto, a apropriação e o domínio da cultura escrita torna-se fundamental, pois é através dela que o sujeito adquire e produz novos conhecimentos.

A leitura e a escrita são as ferramentas necessárias para a compreensão e a realização das diferentes formas de comunicação, a qual possibilita a apropriação dos diferentes saberes já conquistados pela humanidade. É por meio da alfabetização e da aprendizagem que o sujeito cumpre o seu papel social de cidadão, tornando-se capaz de aprender, compreender e produzir novos conhecimentos. Portanto, refletir sobre os conceitos de aprendizagem, alfabetização e letramento, na visão de diferentes autores, é fundamental para uma melhor compreensão destes, e suas implicações na prática de ensino aprendizagem, vindo também a contribuir na busca de novos caminhos para a superação dos desafios impostos pelo atual quadro educacional, na formação de sujeitos que realmente tenham o domínio da cultura escrita, sendo capazes de interagir, adquirir e produzir novos conhecimentos.

No Brasil, a alfabetização tem sido foco de amplas discussões, tanto na esfera social, como na educacional, sendo objeto de pesquisa e análises constantes em diferentes campos do conhecimento. São grandes os desafios postos em relação este tema, por ser um país onde a diversidade econômica, social e cultural é muito grande, com precário e difícil acesso aos bens culturais, principalmente das camadas populares. Foram nestas camadas populares, que se constatou ter um elevado número de pessoas que, apesar de serem consideradas alfabetizadas, não eram capazes de ler, interpretar e produzir textos de forma satisfatória, sendo consideradas “analfabetos funcionais”. Os estudos remetem justamente a este ponto, ou seja, a formação de sujeitos leitores e escritores realmente capazes de participar de forma efetiva nos diferentes contextos sociais, político e econômico, fazendo uso da leitura e escrita de maneira eficiente, capazes de atuar neste mundo que está em constante transformação, sendo este então, considerado o ponto em que o processo de alfabetização fracassa e o lugar de partida na busca de uma prática pedagógica que realmente cumpra com o seu papel que é o de formar sujeitos letrados, realmente capazes de fazer o uso social da leitura e escrita de forma eficiente, contribuindo assim para uma melhoria na qualidade de vida destes sujeitos.



METODOLOGIA OU MATERIAL E MÉTODOS

Para melhor compreender este processo, procura-se através deste artigo, retomar de forma breve, por meio de um estudo bibliográfico, alguns conceitos teóricos considerados fundamentais para o processo de alfabetização os quais se referem aos processos de aprendizagem trazidos por Piaget e Vigotsky e ao processo de construção da escrita trazidos por Ferreiro e Teberosky. Para discutir e analisar os conceitos relativos a alfabetização e ao letramento, toma-se como base os estudos trazidos por Magda Soares. Segundo Soares (1998), letramento é um termo novo, que começou a ser utilizado no Brasil por especialistas das áreas de educação e linguagem, principalmente a partir da década de 1990, sendo a versão para o português da palavra "literacy", que significado estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. O termo letramento não vem a substituir a palavra alfabetização, mas está associado a ela. A partir de suas considerações procura-se compreender cada um dos conceitos e suas especificidades, bem como fazer uma análise das possíveis causas do fracasso escolar, para então apontar caminhos para uma nova prática pedagógica que venha ao encontro das reais necessidades de nossa sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Alfabetização

O conceito de alfabetização no Brasil esteve por muito tempo, atrelado a ideia de codificação e decodificação de símbolos gráficos, ou seja, para aprender a ler era necessário apenas decodificar os símbolos gráficos, transformando-os em sons, e para aprender a escrever fazia-se necessário codificar os sons da fala, transformando-os em símbolos gráficos.

Historicamente, o conceito de alfabetização se identificou com o ensino-aprendizado da "tecnologia da escrita", que quer dizer, do sistema alfabético da escrita, que em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de decodificar sinais gráficos, transformando-os em sons e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos. (PRÓ-LETRAMENTO, 2007, p. 10).

Nas últimas décadas, mais especificamente às de 1970 e 1980, este conceito passou a sofrer transformações em virtude do surgimento de novas teorias relacionadas a aprendizagem.

Os estudos do psicólogo suíço de Piaget nos trouxeram uma nova visão a respeito do conceito de aprendizagem. De acordo com a sua teoria, a criança aprende a partir da sua



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de Formação de Professores



interação com o mundo e com o outro. Suas pesquisas demonstraram que o conhecimento é construído na interação do sujeito com o objeto de aprendizagem. É através da ação sobre o objeto, que a criança constrói os seus conhecimentos, aprende, passando assim, a ser considerada um ser ativo no seu processo de aprendizagem, surgindo então o termo construtivismo.

De acordo com Bizzoto et al (2010), Lev Vygostyky, psicólogo russo, contemporâneo de Piaget, deu início a estudos cuja teoria, mais tarde veio a ser chamada de “sócio-interacionismo” a qual tem, como pressupostos fundamentais, a ideia de que o ser humano se constitui como tal a partir da sua interação social. Para que um indivíduo se constitua como pessoa, é fundamental que ele se insira num determinado ambiente cultural. Segundo ele, todo conhecimento é construído socialmente, no âmbito das relações humanas. As mudanças que ocorrem ao longo do seu desenvolvimento estão ligadas á sua interação com a cultura e a história da sociedade a qual faz parte. Esta interação se daria por meio da linguagem que atuaria como fator principal para que ocorresse este desenvolvimento. Analisando a linguagem como um conjunto de símbolos com caráter histórico e social, enfatizou a importância da informação e da interação linguística para a construção do conhecimento.

Baseadas nas teorias de Piaget, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), desenvolveram estudos e pesquisas sobre o aprendizado da escrita, denominada “Psicogênese da Língua Escrita” que resultou em uma nova visão sobre os processos de alfabetização, com a ampliação deste conceito.

A partir dos anos 80 o conceito de alfabetização foi ampliado com as contribuições dos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, particularmente com os trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. De acordo com estes estudos, o aprendizado do sistema de escrita não se reduziria ao domínio correspondências entre grafemas e fonemas (codificação e decodificação), mas se caracterizaria como um processo ativo por meio do qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita, compreendida como um sistema de representação. (PRÓ-LETRAMENTO, 2007, p.10).

Estes estudos rompem com a concepção da língua escrita como um código, que se aprenderia através de atividades de memorização. Elas passam a defender a concepção da língua escrita como um sistema de notação que, no nosso caso, é o alfabético. Não foi uma nova proposta metodológica, mas sim, deixou claro que o que leva a criança a aprendizagem da escrita, não é o cumprimento de uma série de tarefas ou apenas o conhecimento das letras e das sílabas, mas, sim, a compreensão e a vivência de diversas situações de escrita e de comunicação.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



Segundo estes estudos as crianças passariam por diferentes níveis referentes a construção da escrita. No nível pré-silábico, a criança ainda não tem a compreensão de que a escrita representa os segmentos sonoros da palavra colocando as letras de aleatoriamente sem fazer a correspondência entre grafemas e fonemas. No nível silábico, a criança começa a fazer a relação termo a termo, atribuindo uma letra para cada sílaba (inicialmente pode não haver a correspondência sonora) fazendo a correspondência sonora com uma das letras sonoras pertencentes a sílaba. No nível alfabético, a criança já percebe que, para representar os sons da fala, as sílabas podem ser formadas por uma, duas ou mais letras. Neste nível a criança inicia a compreensão da base alfabética da escrita, já dominando o conhecimento sonoro da maioria das letras.

Como podemos perceber, através dos estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), a criança precisa compreender como o sistema de escrita alfabética funciona, descobrindo que a escrita nota no papel os sons das partes orais das palavras, considerando os segmentos sonoros menores que a sílaba e que para isto ela passa por diferentes níveis de construção da escrita, sendo que esta construção se dará através da interação com língua escrita em seus diversos usos e funções sociais.

Os métodos de alfabetização até então utilizados (analíticos, sintético e analítico-sintético) que se baseavam na concepção de leitura e escrita apenas como a codificação e decodificação do código alfabético na qual o professor era o transmissor do conhecimento e o aluno o receptor, passaram ser considerados como tradicionais e ultrapassados acreditando-se que os mesmos não se encaixavam mais dentro das novas concepções, pois a alfabetização, deixa de ser vista como um mero processo de codificação e decodificação, para ser compreendida como um processo no qual a criança passa a ser o sujeito da aprendizagem, compreendendo como este sistema funciona, cabendo ao professor a função de mediador da aprendizagem.

Percebe-se que houve um grande rompimento quanto a forma de alfabetizar. Do ensino defendido pelas teorias tradicionais, com métodos de alfabetização específicos e diretos, passou-se a propor um trabalho no qual a criança, através da interação com a língua escrita em seus usos e práticas sociais, seria capaz de construir progressivamente o sistema de representação, alfabetizando-se não somente com instruções diretas, porém entrando em contato com a língua escrita no seu cotidiano, ou seja, estando imersa na cultura escrita, através do desenvolvimento de atividades significativas de leitura e escrita.



Frente a estas mudanças Magda Soares em seu artigo Letramento e alfabetização: as muitas facetas (2004) nos diz que:

[...] de que, apenas através do convívio intenso com o material escrito que circula nas práticas sociais, ou seja, do convívio com a cultura escrita, a criança se alfabetiza. A alfabetização como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquele, que, como consequência, perde a sua especificidade. (SOARES, 2004, p. 11).

A esta perda de especificidade da alfabetização Soares (2004, p9), denomina de “desinvenção da alfabetização” causada principalmente pela mudança conceitual a respeito da aprendizagem da escrita, (conhecido como construtivismo) dentro a perspectiva psicogenética a qual passa a privilegiar a faceta psicológica da alfabetização obscurecendo a sua faceta linguística- fonética e fonológica.

Para ela é necessário “reinventar a alfabetização” colocando-a em um lugar, no qual se desenvolveria um trabalho específico do ensino da alfabetização como codificação e decodificação, inserida em práticas de letramento. Considerando esta perspectiva, Soares (2004) passa a propor a distinção dos termos alfabetização e letramento, sem haver independência nem precedência de um processo em relação ao outro.

Letramento

O termo letramento surge no Brasil em meados dos anos de 1980, estando vinculado ao processo de alfabetização, o qual passa a não ser mais visto simplesmente apenas como o domínio da habilidade de ler e escrever (codificar e decodificar), mas sim como um processo mais amplo, envolvendo a capacidade de saber fazer o seu uso nas práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, não basta saber ler e escrever, mas é necessário também, saber fazer uso da escrita nos diferentes contextos sociais, na vivência diária de cada indivíduo.

De acordo com Soares (2004) ampliação do conceito de alfabetização em direção ao letramento também pode ser percebida nas avaliações censitárias, a qual vem sofrendo alterações, de acordo com as novas demandas da sociedade, pois passou-se da simples verificação da habilidade de escrever o nome, à verificação da capacidade do indivíduo de usar a leitura e a escrita para a prática social, sendo esta uma tendência mundial, já que nos países desenvolvidos o que se avalia é o nível de letramento da população e não o índice da alfabetização. Esta necessidade surgiu devido as novas demandas da sociedade que estando cada vez mais centrada na cultura escrita, passou a exigir a adaptação as transformações que



ocorrem em ritmo acelerado, a atualização constante, visão crítica, flexibilidade e criatividade para ocupar os novos postos de trabalho.

No livro do Pró-letramento, faz-se a seguinte referência em relação a esta ampliação do conceito de alfabetização:

Progressivamente o termo passou a designar o processo não apenas de ensinar e aprender as habilidades de codificação e decodificação, mas também o domínio dos conhecimentos que permitem o uso dessas habilidades nas práticas sociais de leitura e escrita. É diante dessas novas exigências que surge uma nova adjetivação para o termo – alfabetização funcional- criada com a finalidade de incorporar as habilidades de uso da leitura e da escrita em situações sociais e, posteriormente, a palavra letramento. (PRÓ-LETRAMENTO, 2007, p.10).

O termo alfabetização funcional refere-se capacidade do indivíduo que, tendo-se apropriado do código escrito, seja capaz de fazer uso social da leitura e da escrita.

Vivemos em uma sociedade letrada, ou seja, impregnada de materiais escritos como jornais, placas, revistas, jornais, rótulos, listas, avisos, entre outros. Apenas saber escrever o seu nome, ler e interpretar textos simples, não basta para uma pessoa. É preciso que ela tenha capacidade de interpretar e produzir textos, de exercitar habilidades, atitudes e conhecimentos de leitura e escrita envolvidos nas mais diversas práticas sociais, como por exemplo, saber localizar e obter uma informação, estabelecer relações entre fato e opinião, comprar informações de diferentes textos, etc.

Portanto, percebe-se que o letramento vai para além da alfabetização pois pressupõe que indivíduos ou grupos sociais que tendo o domínio do uso da leitura e da escrita, sejam capazes de interagir, de fazer uso competente das práticas de leitura e de escrita em seus diferentes contextos sociais.

Alfabetização e Letramento: Uma Questão de Conceitos

A discussão em torno dos conceitos de alfabetização e letramento é bastante complexa. Paulo Freire, Emília Ferreiro e Magda Soares, nomes lembrados nesta área, atribuem conotações diferentes ao termo alfabetização.

Emília Ferreiro e Paulo Freire, não fazem uso do termo letramento, pois consideram a alfabetização um processo mais amplo o qual engloba o conceito de letramento. Para eles o acesso a cultura é que desencadeia o processo de alfabetização, já que estão inseridos em contextos sociais onde a língua escrita é produzida e interpretada.

Paulo Freire (1996), defende a ideia de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, fundamentando-se em teorias antropológicas de que o ser humano, muito antes de se



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de Formação de Professores



inventar os códigos escritos, já fazia a sua leitura de mundo. Considera a alfabetização como um conceito mais abrangente, o qual vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, possibilita uma leitura crítica da realidade sendo assim, uma importante forma de resgate da cidadania.

Para Emília Ferreiro (2006), o acesso a cultural é que desencadeia o processo de alfabetização, pois a inserção da criança em contextos sociais onde a língua escrita é produzida e interpretada, o que ocorre muito antes de sua entrada no ensino formal. A criança, ao folhar uma revista, ouvir uma história, ver propagandas, rótulos, já está imersa na cultura escrita, e, portanto, aprendendo como a leitura e escrita funcionam nos vários contextos sociais. Segundo ela, o termo letramento acarretou na redução do conceito de alfabetização relacionando-o apenas a codificação e decodificação, ou seja, ao domínio da técnica, discordando, portanto do uso dos dois termos, pois, o conceito de alfabetização engloba o de letramento, ou vice-versa. Considera também que o processo da alfabetização vai para além dos anos iniciais de escolarização. Soares já opta pela utilização dos termos alfabetização e letramento.

São dois fenômenos que tem relações estreitas, mas que, ao mesmo tempo, tem especificidades. [...] mas é preciso distinguir claramente o é alfabetização- a aquisição do sistema de escrita, aquisição da tecnologia da escrita- do que é letramento – o uso dessa tecnologia, o exercício das práticas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2004, p.7).

Observa-se, portanto, que Soares (2004) faz uma distinção dos termos alfabetização e letramento, considerando-os processos de aprendizagem diferenciados, tanto teórica como pedagogicamente, pois pressupõe formas de ensino diferenciadas.

Porém, mesmo se tratando em práticas de ensino diferenciadas elas não são indissociáveis, sem haver a independência nem a precedência de um processo sobre o outro, pois ocorrem de forma simultânea.

Dissociar alfabetização de letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas da leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional da escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis. A alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode se desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p.14).



Surge então o grande desafio de, na prática, integrar alfabetização e letramento, considerando a especificidade de cada um dos processos, que apesar de diferentes, são complementares e inseparáveis.

O grande desafio: Alfabetizar letrando

Precisaríamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento... Assim, teríamos alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 1998, p.47).

Para alfabetizar as crianças dentro da perspectiva do letramento, é necessário fazê-las compreender por que e para que usamos a escrita e sua importância nos diferentes contextos sociais. Através das diferentes linguagens buscar estabelecer relações significativas com o mundo através de suas relações familiares, dos meios de comunicação.

A criança, ao chegar à escola trás consigo uma bagagem cultural, ou seja, ela já estabeleceu relações muito significativas com o mundo que a cerca desenvolvendo comportamentos, atitudes e saberes específicos, formados pelas relações interpessoais estabelecidas no seu grupo social.

Vivemos em uma sociedade letrada, ou seja, a escrita está presente no nosso cotidiano de forma visível e marcante. Estamos rodeados de materiais impressos, como rótulos, placas, jornais, livros, revistas entre tanto outros mais. A criança, antes mesmo de entrar na escola, já está em contato com textos escritos ou de imagens, dentro da sua cultura social, formulando hipóteses sobre seus diferentes usos e funcionamento.

De acordo com Soares (2004) a escola, mais especificamente a sala de aula, deve ser um ambiente onde a criança entre em contato com os mais diversos materiais escritos, como forma de ampliar a vivência da criança com o mundo letrado, mas de forma significativa, por meio de situações reais de comunicação percebendo os diferentes usos da linguagem. É dentro deste contexto significativo que se desenvolverá o processo de alfabetização, ou seja, a construção da escrita alfabética, na qual a criança, aos poucos, vai experimentando, fazendo de tentativas de acerto e descobertas, sendo este um processo crescente, que deve ser trabalhado de forma a não bloquear o caminho da criança no processo de construção da leitura e escrita. Portanto, o processo de alfabetização e letramento, não pode centrar-se apenas no domínio da letra, sílabas, palavras ou frases, que, descontextualizadas, não preparam a criança para as reais situações de comunicação das quais participa. Cabe ao professor também a importante tarefa



de mediar este processo, fazendo um diagnóstico de cada aluno e propondo um trabalho através de situações significativas e contextualizadas, contemplando de forma articulada e simultânea a alfabetização e o letramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, percebemos que no decorrer da história, os conceitos de alfabetização foram modificando-se, buscando acompanhar e atender as necessidades específicas dos diferentes momentos vividos pela sociedade. Da simples prática de apenas adquirir o domínio mecânico do ato de leitura e escrita, saber ler e escrever, passou, aos poucos, a abranger também o seu caráter social, ou seja, a capacidade de fazer o seu uso nas práticas sociais, surgindo então o conceito de letramento.

São muitos os estudos, análises e reflexões relacionados aos conceitos de alfabetização e letramento, não havendo um consenso a respeito da abrangência de cada um dos termos, mas constata-se que, ambos são fundamentais no processo da aprendizagem da leitura e da escrita, pois a criança precisa apropriar-se do sistema de escrita alfabética, e também ser capaz de utilizá-lo de forma eficiente na sua vivência diária, incorporando e envolvendo-se com a prática da leitura e escrita.

Para que o trabalho pedagógico se efetive de forma eficaz, é essencial que o professor tenha uma boa formação teórica a respeito dos conceitos de aprendizagem, de como ocorre o processo de aquisição do conhecimento, tendo consciência do papel fundamental a desempenhar frente a aquisição de novos conhecimentos, como o mediador deste processo, compreendendo os caminhos que a criança percorre para tornar-se alfabetizadas, refletindo, analisando e buscando sempre novas possibilidades de ação na sua prática pedagógica, vindo assim a favorecer a formação de sujeitos letrados, capazes de adquirir e produzir novos conhecimento , tornando-se agentes na transformação social.

O professor como peça chave deste processo precisa estar em constante processo de atualização, através de cursos de formação e capacitação permanentes o quais privilegiem tanto a base teórica quanta a prática. É importante também que sejam oferecidos os espaços para planejamento, estudos e troca de experiências no próprio ambiente escolar oportunizando assim o avanço nas práticas de alfabetização e de letramento. Por fim, é superando desafios, buscando novos caminhos, aliando a teoria e prática em um contexto real, que conseguiremos transformar a educação.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



A escola possui um papel relevante, tanto na formação do indivíduo quanto, na perspectiva de futuro das sociedades, portanto os conhecimentos que irá difundir servirão de alicerce para todos os demais conhecimentos que o indivíduo irá construir no decorrer de sua vida, tornando-o assim um sujeito pleno, um cidadão crítico e atuante.

REFERÊNCIAS

BIZZOTO, Maria Inês; AROEIRA, Maria Luisa; PORTO, Amélia. **Alfabetização Linguística da Teoria à Prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria da Educação Básica (SEB). **Pró-letramento: alfabetização e linguagem**. Brasília: MEC; SEB, 2007.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

FERREIRO, Emília; **O momento atual e interessante porque põe a escola em crise**. Revista Nova Escola, São Paulo, n197, Nov. 2006. Acesso em: <http://revistaescola.abril.com.br>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a uma prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOARES, Magda Becker. **Letramento um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n 25, p. 05-17, jan.abr. 2004.